

VI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE



PRPG | Pró-Reitoria de Pós-Graduação
PIBIC/CNPq/UFPG-2009

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NA VELHICE: A PERSPECTIVA DE ESTUDANTES-ADOLESCENTES DA ESCOLA PÚBLICA

Mariana Izidoro do Nascimento¹, Ivan Ucella Dantas de Medeiros², Joana Camila Melo Duarte³, André Augusto Diniz Lira⁴

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a representação social do desenvolvimento humano na velhice, construída por adolescentes, estudantes do ensino médio público da cidade de Campina Grande - PB. Os dados foram coletados em duas escolas públicas e produzidos por meio de um questionário aplicado em uma amostra de 172 adolescentes e depois aplicado também o Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM) a uma sub-amostra deste grupo (44%). A análise foi realizada de acordo com a estatística descritiva, multidimensional, não-paramétrica e a análise de conteúdo categorial. Os dados refletem uma polarização da estrutura da representação do desenvolvimento humano na velhice, destacam-se, na polarização positiva, (a) *os ganhos cognitivos*, (b) *o suporte afetivo-familiar* e (c) *o direito conquistado* (através da aposentadoria); na polarização negativa, *têm-se* (d) *as perdas físicas e os danos psicossociais*. Os dados sugerem também uma mudança paulatina nessa representação social, uma vez que começa a se evidenciar uma perspectiva mais positiva para com a velhice (Pesquisa financiada pelo CNPq/PIBIC).

Palavras-chave: Representação Social. Desenvolvimento Humano. Velhice. Estudantes do Ensino Médio.

THE SOCIAL REPRESENTATION OF HUMAN DEVELOPMENT IN OLD AGE: THE PERSPECTIVE OF ADOLESCENTS-STUDENTS OF PUBLIC SCHOOL

ABSTRACT

The main aim of this research was to analyze the social representation of human development in old age, constructed by adolescents-students of two public high schools in Campina Grande - PB. Collected data was produced by a questionnaire applied in a sample of 172 adolescents and after submitting a sub-sample of this group (44%) to the process of Multiple Classification Procedures (MCP). The analysis of data was done according to the descriptive statistics, multidimensional, non-parametric statistical procedures and the Category Content Analysis. The data reflect a polarization of the structure of representation of human development in old age. What are highly noticeable in positive polarization are (a) the cognitive gains, (b) emotional family support and (c) the acquired rights (through retirement); in the negative polarization there is (d) physical and psychosocial damage. The data also suggest a gradual change in social representation, since it starts to show a more positive perspective towards old age (Research funded by CNPq/PIBIC).

Keywords: Social Representation. Human Development. Old age. High school students.

¹ Aluna do Curso de Medicina, UFCG, Campina Grande, PB, Bolsista do PIBIC, e-mail: mari_izidoro@yahoo.com.br

² Aluno do Curso de Medicina, UFCG, Campina Grande, PB. Colaborador. E-mail: ivanucella@hotmail.com

³ Aluna do Curso de Medicina, UFCG, Campina Grande, PB. Colaboradora. E-mail: jojoanameloo@yahoo.com.br

⁴ Orientador, Prof. Doutor, Unidade Acadêmica de Educação, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: andre.dl@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Não é incomum que as pessoas, no nosso cotidiano, acreditem que o desenvolvimento ocorra apenas na infância e na adolescência, atentando-se para o crescimento físico (ALMEIDA; CUNHA, 2003) e não dêem conta da multiplicidade de fatores envolvidos. A velhice é, nesse âmbito, freqüentemente associada a processos de degradação e perdas. O desenvolvimento humano, não obstante, abarca aspectos físicos, cognitivos, afetivos e psicossociais (PAPALIA; OLDS, 2000; COLE; COLE, 2004).

O envelhecimento, na literatura atual, é compreendido como um processo correlato ao desenvolvimento, sendo ambos multidimensionais e multidirecionais, englobando equilíbrios entre vantagens e desvantagens. Pode haver, mesmo em presença de limitações de origem biológica, manutenção ou mesmo evolução na velhice, especialmente no que respeita aos aspectos cognitivos e psicossociais, sobretudo no envelhecimento bem sucedido, que é contraposto ao envelhecimento patológico (NERI, 2005; NERI, YASSUDA, 2004; PARENTE et al., 2006).

As pesquisas desenvolvidas no Brasil a respeito das crenças, representações, atitudes para com a velhice e o envelhecimento são, em sua maioria, realizadas com adultos e os próprios idosos. Estudos intergeracionais ainda são escassos e há, por outro lado, uma abundância de pesquisas realizadas em instituições destinadas à velhice, como os asilos, e em universidades da terceira idade. Pouco se sabe a respeito dos desdobramentos das políticas de afirmação em defesa dos idosos na comunidade geral. Afinal, nas duas últimas décadas, promover a integração do idoso à vida social tem sido uma tônica.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a representação social do desenvolvimento humano na velhice construída por estudantes-adolescentes da escola pública do Ensino Médio da cidade de Campina Grande – PB. Investigar a representação social de adolescentes sobre a o desenvolvimento na velhice, como fase integrante do ciclo da vida, nos remete diretamente a fatores contextuais, históricos, sociais e ideológicos representados/vivenciados por esses adolescentes na relação que estabelecem com o seu próprio futuro, com implicações positivas e negativas de afastamento, rejeição, aceitação desse outro-muito-próximo.

Infância, adolescência, vida adulta e velhice são fases da vida construídas socialmente, por meio de normas reguladoras que determinam as exigências e as oportunidades de cada segmento etário na ordem social. Em outras palavras, a sociedade constrói cursos de vida na medida em que gera expectativas, prescreve as normas de “comportamento apropriado” para as diferentes faixas etárias, diante de eventos marcadores de natureza biológica e social.

DESENVOLVIMENTO HUMANO NA VELHICE

Muitos problemas que costumavam ser considerados típicos da idade avançada são atualmente atribuídos não ao envelhecimento propriamente dito, mas a fatores de estilo de vida ou a doenças que podem ou não acompanhar o envelhecimento. O envelhecimento primário é um processo gradual e inevitável de deteriorização corporal que começa mais cedo na vida e continua com o passar dos anos. O envelhecimento secundário consiste dos resultados de doenças, abuso ou desuso – fatores que muitas vezes são evitáveis e dentro do controle das pessoas. Estilos de vida mais saudáveis podem permitir que um número cada vez maior de jovens e adultos de meia idade da atualidade mantenham um nível elevado de funcionamento físico em boa parte da terceira idade. O treinamento pode melhorar a força muscular e o tempo de reação (BEE, 1997; PAPALIA; OLDS, 2000, FONTAINE, 2000).

Para que a velhice seja bem sucedida, são necessárias três grandes condições: saúde, manutenção de um elevado nível funcional nos planos cognitivo e físico e conservação de empenho social e bem-estar subjetivo (FONTAINE, 2000). O início do envelhecimento, a sua velocidade e a sua gravidade são extremamente variáveis “[...] de acordo com o nível com o qual ele se situa (biológico, psicológico ou sociológico)” (FONTAINE, 2000, p. 19).

As pessoas mais velhas, em sua maioria, têm boa saúde mental e podem fazer a maioria das atividades que os jovens são capazes, porém mais lentamente. Os idosos mostram considerável plasticidade no desempenho cognitivo e podem ser beneficiados com treinamento; existe uma reserva de capacidades físicas e cognitivas susceptível de ser utilizada de acordo com as motivações e solicitações ambientais (BEE, 1997).

A vida mais longa aumenta a probabilidade de distúrbios físicos e mentais que tendem a ocorrer na terceira idade. As chances de ser razoavelmente saudável e ter boa forma física tarde na vida muitas vezes dependem do estilo de vida, principalmente da dieta e exercício físico. Cerca de 80% dos casos de demência entre idosos são causados por problemas cardiovasculares, pelo mal de Parkinson, ou pelo mal de Alzheimer. A grande maioria dos problemas cardiovasculares podem ser prevenidos ou retardados com um estilo de vida saudável ou no mínimo podem ser controlados de forma satisfatória (FONTAINE, 2000).

Através de um levantamento de literatura das questões que envolvem ganhos durante o envelhecimento cognitivo, Dixon (1999 apud PARENTE; WAGNER, 2006) observou conotações diferentes nos estudos: (a) um ganho pode ser uma função cognitiva que melhora com a idade; (b) mantém-se, apesar do envelhecimento; (c) tem um pequeno declínio se comparado com outra; (d) forma-se a partir de novas

estratégias cognitivas para suprir dificuldades em outras funções. De um modo geral, pode-se afirmar que o desenvolvimento representa uma proporção estabelecida entre perdas, ganhos e funções mantidas, formando, por conseguinte, um quadro complexo de interações entre as diferentes funções cognitivas, que muitas vezes é esquecido quando o foco é somente a idade mais avançada.

A VELHICE E O ENVELHECIMENTO: A ÓTICA DA SOCIEDADE

A base para os estereótipos negativos em relação aos idosos decorre da perda de controles relacionada ao corpo, às emoções e às habilidades cognitivas. Essas competências, na nossa sociedade, são justamente as consideradas necessárias para que um indivíduo se torne um ser humano aceito com plenos direitos de cidadão (DEBERT, 2004). As tarefas do desenvolvimento, aquelas necessárias para garantir ao indivíduo seu ajustamento psicológico e social dentro das limitações e potencialidades da fase em que está inserido, são para o idoso: o ajustamento ao decréscimo da força física e da saúde; o ajustamento à aposentadoria, à redução da renda, à morte do esposo/a; a filiação a um grupo de pessoas idosas; a manutenção de obrigações sociais e cívicas; o estabelecimento de arranjos físicos satisfatórios para viver bem a velhice (WITTER, 2006).

Em um estudo sobre a representação social da velhice, entre pessoas envelhecidas pertencentes às camadas médias e superiores, observou-se que esse termo está associado às noções de pobreza, dependência e incapacidade (DERBERT, 1988 apud PEIXOTO, 2007). No mundo empresarial, a velhice é representada de forma ambígua, pois o velho é valorizado, por ser mais treinado e ter maior experiência profissional, e ao mesmo tempo, considerado como mais resistente a mudanças e acometido de capacidades reduzidas (STUCCHI, 2007).

Almeida e Cunha (2003) realizaram uma pesquisa com 210 educadores distribuídos em quatro sub-grupos que trabalhavam com um alunado de diferentes faixas etárias ao longo do ciclo da vida humana. A partir de uma abordagem comparativa, tendo por lastro a Teoria das Representações Sociais e como técnica a Análise de Similitude, essas pesquisadoras concluíram, no conjunto de dados, com as árvores máximas obtidas (grafos) de cada sub-grupo, que a criança foi associada a brincadeiras, inocência e trabalho; o adolescente às transformações no corpo, crises existenciais e sexualidade; o adulto à produtividade e estabilidade; o idoso à sabedoria e a experiência. Vale salientar que o sub-grupo que trabalhava com idosos, nessa pesquisa, era constituído por coordenadores de grupos de convivência de idosos, em sua maioria eles próprios adultos ou idosos, e não por professores/as como dos outros grupos.

Apesar de o conjunto de dados apontar para a sabedoria como uma recorrência na interpretação da velhice entre os sub-grupos, Almeida e Cunha (2003), ao se ater especificamente a cada um dos sub-grupos de educadores, sublinharam que os: (a) educadores de idosos - “[...] tendem a negar a presença do desenvolvimento humano durante a velhice, como se a vida de encerrasse na fase adulta” (p. 153); sendo a representação da velhice caracterizada pela negação da identidade socialmente construída do idoso, como indivíduo decadente, ao mesmo tempo em que vitimizam-no, tratando-o como sujeito abandonado e carente; (b) educadores de adultos - representam os idosos como sábios, experientes, mas também que não estão mais em fase de desenvolvimento, estão na decadência e no abandono; (c) educadores de adolescentes – representam os idosos como aqueles que “não fazem”, “não conseguem mais”; (d) educadores de criança – as autoras não discutem. Finalmente, as autoras ainda esclarecem que a representação social da velhice está associada às representações do mundo infantil, sendo a dependência o eixo estruturante dessas duas fases da vida.

Um estudo realizado por Triguero, Nascimento-Schulze e Camargo (2002), com idosos entre 52 e 92 anos de idade, encontrou três tipos de representações sociais do envelhecimento: a primeira é uma representação doméstica e feminina, na qual a perda dos laços familiares é central; a segunda, tipicamente masculina apóia-se na noção de atividade, caracterizando o envelhecimento como perda do ritmo de trabalho; e a última, mais utilitarista, apresenta o envelhecimento como desgaste da máquina humana.

Frente à ditadura estética bombardeada pela mídia na qual “apenas o corpo jovem sarado faz sucesso”, é plausível entender que essa situação não favorece aos indivíduos mais velhos – com rugas e cabelos brancos. Contudo, é um equívoco considerar apenas a visão biológica, representada por perdas, momento de degradação da condição humana, uma vez que o corpo humano se desenvolve de uma forma multifacetada, há uma interrelação entre os aspectos da realidade social, cultural, histórica e biológica. Isso pôde ser comprovado em um estudo com 21 mulheres idosas, na realidade paraibana. Essas idosas não se referiram ao corpo idoso como esteticamente bonito, mas o representam tanto em seus aspectos positivos quanto em seus aspectos negativos, como fronteira e ponto de inserção do mundo interno e externo, construído e reconstruído cotidianamente de material perceptivo, referências temporais e espaciais, constituindo-se também com um fenômeno de relevância social ao envelhecer (CUNHA; EULÁLIO; BRITO, 2004).

Neri (2007) observou, por outro lado, que tanto os idosos quanto os não idosos, apesar de se autotitularem livres de preconceitos, paradoxalmente, 27% dos idosos e 13% dos não idosos disseram que a velhice é sinônimo de doença, e 31% dos idosos e 25% dos não idosos afirmaram que os velhos vivem no passado, ratificando que há, sim, na sociedade brasileira uma supervalorização da juventude. Essa atitude

negativa em relação à velhice é justificada pelos não idosos no âmbito pessoal – incapacidade, desatualização, desinformação – e pelos idosos via aspectos relacionais – desrespeito, desprezo, incompreensão e preconceito.

Os estudos realizados com a teoria das representações sociais sobre o envelhecimento e o ser idoso não podem ser tomadas isoladamente. Algumas pesquisas, não apenas nesse quadro referencial, começam a sinalizar que o acesso crescente a informações científicas sobre o envelhecimento soma-se a heterogeneidade das experiências de velhice, determinando o desenvolvimento de novas visões plurais e multidimensionais sobre o idoso (VON SIMSON; NERI; CACHIONI, 2006; GUSMÃO; VON SIMSON, 2006). Os estereótipos, as atitudes negativas e os preconceitos frente ao envelhecimento não são universais, eles são, aliás, contextualizados por eventos socioeconômicos, históricos e culturais e por circunstâncias da vida pessoal, familiar e profissional.

A PESQUISA

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Moscovici (2003) destaca que as representações sociais podem ser vislumbradas sob duas óticas complementares. Do *ponto de vista estático*, as representações sociais podem ser compreendidas como modelos recorrentes de imagens, crenças e comportamentos simbólicos, articulados enquanto um conjunto de teorias, que ordenam ao redor de um tema “[...] uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante” (2003, p. 207-208). Do *ponto de vista dinâmico*, as representações se apresentam como essa rede de idéias, imagens e metáforas interligadas livremente, sendo mais móveis e fluídas, diferentemente da noção de teoria, destacando-se assim o seu movimento de transformação contínuo.

Segundo Denise Jodelet uma representação social pode ser caracterizada como: “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22), intervindo diretamente na construção da identidade social dos grupos. Já Wolfgang Wagner entende a representação social como um conteúdo mental estruturado (implicando aspectos distintos: cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico), sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social, podendo, pois, chamar-se de visão distributiva. No aspecto coletivo, a representação social é vista como um processo público de criação, elaboração, difusão e mudança do conhecimento compartilhado no discurso cotidiano dos grupos sociais.

Toda representação social é gerada em um contexto em que um objeto possui relevância cultural, ou seja, as pessoas compartilham informações sobre esse (ainda que seletivas, distorcidas, contraditórias etc.), avaliam, procuram se posicionar. Assim, para a definição do par sujeito-objeto de toda e qualquer pesquisa, faz-se necessário que a representação seja um saber efetivamente praticado, plausível de existir e não suposto, detectado em comportamentos e comunicações que de fato ocorram. Para Moscovici, existem condições que afetam a emergência ou não da RS de um dado objeto em um determinado conjunto social: a dispersão da informação, a focalização e a pressão à interferência, e estas, por conseguinte, podem variar amplamente.

Ademais é importante verificar como a funcionalidade das representações sociais pode ser desmembrada para evidenciar uma série de aspectos valorizados no decorrer da história desse campo de estudos. Abric sistematiza a questão das finalidades próprias das Representações Sociais, atribuindo-lhes quatro funções essenciais, a saber:

- a) **Funções de saber** – permitem compreender e explicar a realidade. Elas são a manifestação do esforço permanente do homem para compreender e comunicar.
- b) **Funções identitárias** – definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos e os processos de comparação social, além de exercer papel importante no controle social da coletividade sobre cada um de seus membros.
- c) **Funções de orientação** – elas guiam os comportamentos e as práticas. A representação define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social.
- d) **Funções justificatórias** – possibilita justificar a posteriori as tomadas de posição e comportamento “[...] permitindo, assim, aos atores, explicar e justificar suas condutas em uma situação ou em relação aos seus participantes” (ABRIC, 1998, p. 15-18).

No intuito de contribuir para a análise das representações sociais do ponto de vista estrutural, uma das tentativas mais profícuas tem sido a utilização do Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM), que se contrapõe à perspectiva desenvolvida pela Teoria do Núcleo Central. Roazzi e colaboradores, em suas pesquisas, têm procurado apreender a estruturação da representação social a partir de um enfoque que considera os elementos representacionais posicionados em agrupamentos distintos e interdependentes

como um conjunto interagente (entre outros: ROAZZI, 1995; ROAZZI, MONTEIRO, 1995; ROAZZI; FEDERICCI; CARVALHO, 1999). Nessa perspectiva analítica é que nos pautamos para o estudo das Representações Sociais do Desenvolvimento Humano na velhice.

METODOLOGIA

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados foram coletados, nos anos 2008 e 2009, em turmas de primeiro, segundo e terceiro anos de duas escolas de Ensino Médio, sorteadas aleatoriamente da relação de escolas públicas estaduais da cidade de Campina Grande – PB. Na primeira fase de coleta de dados, todos participantes da pesquisa (n=172) responderam um *questionário* contendo questões abertas e fechadas. As questões abertas foram analisadas através da análise de conteúdo (FRANCO, 2005), pela construção de categorias não estabelecidas aprioristicamente e as questões objetivas foram analisadas pela estatística descritiva através do *software SPSS 12 for Windows*.

Nessa primeira fase da pesquisa, aplicamos também, junto a 45% (n=78) da amostra, um Teste de Livre Associação de Palavras com a palavra-estímulo *velhice*. As palavras mais evocadas (com frequência superior a 5) constituíram as palavras-estímulo para a construção dos itens do Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM).

TABELA: Palavras mais evocadas por categorias e frequência a partir do estímulo velhice

Palavras mais evocadas por categorias	Freq.
Doenças	46
Conhecimento	21
Rugas	20
Felicidade	17
Família	16
Respeito	13
Aposentadoria	13
Morte	12
Cabelos brancos	12
Cuidados	11
Amadurecimento	11
Amor	10
Histórias vividas	10
Descanso	9
Fragilidade	9
Sufrimento	9
Sabedoria	8
Preconceito	8
Paz	7
Solidão	7
Cansaço	6
Experiência	6
Abandono	6

Em um segundo momento de coleta de dados, aplicou-se junto a 44% (n=75) da amostra o Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM), em duas modalidades: a livre e a dirigida. Na classificação livre, primeiro momento do PCM, o sujeito forma conjuntos com os cartões das palavras-estímulo, apresentadas pelo pesquisador, incluindo o item *velhice*. Isso segundo os critérios que o sujeito mesmo venha a escolher. A orientação para o PCM, na técnica da classificação livre, dada aos sujeitos era a seguinte:

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre o desenvolvimento humano na velhice. A metodologia que utilizamos para realizar essa entrevista⁵ é diferente da convencional. Vou entregar este conjunto de cartões com palavras e gostaria que você as ordenasse em grupos, de acordo com essa escala. Você pode colocar quantos cartões quiser em cada categoria. O que importa é a sua opinião.

Na classificação dirigida do PCM, apresentamos ao sujeito uma tabela com uma escala, na qual os sujeitos deviam se basear para classificar os itens em relação à palavra-estímulo *velhice*. Essa escala continha as seguintes categorias: *não associado, pouco associado, mais ou menos associado, muito associado e muitíssimo associado*.

Agora gostaríamos que avaliasse cada uma dessas palavras em relação ao termo velhice, de acordo com essa escala.

Gravamos em áudio com a anuência dos sujeitos as justificativas sobre suas classificações tanto na classificação dirigida quanto na classificação livre.

Os dados provenientes das classificações do PCM foram analisadas através do Escalonamento Multidimensional (Multidimensional Scaling – MDS) e da teoria das facetas (ROAZZI, 1995; BILSKY, 2003). O objetivo do MDS é construir um escalograma, uma representação gráfica que localiza as variáveis (itens) em um espaço n-dimensional, onde as distâncias entre os pontos representam as variáveis estudadas e o relacionamento entre as mesmas (PEREIRA, 2004). A partir da leitura das variáveis envolvidas da localização dos pontos em regiões do espaço e, também, da análise teórica que sustenta a pesquisa definiu-se as *facet*as que compuseram o quadro do objeto investigado em conjuntos articulados de itens.

Caracterização dos sujeitos

Constatou-se que 72,1% eram do gênero feminino e 27,9% do masculino. A idade dos sujeitos pesquisados está compreendida entre 13 a 25 anos, sendo que 91% na faixa etária de 13-19 anos e os demais (9%) acima de 20 anos. Estão, portanto, preponderantemente na adolescência média e final. A média da idade do grupo é de 16,8 anos e o desvio padrão 2,5. Verificou-se uma média de idade de 45,3 anos para os pais e 41,6 anos para as mães, sendo o desvio padrão: 8,7 anos (pais) e 7 anos (mães). A distribuição dos alunos, ao longo das séries do Ensino Médio, é a seguinte: no primeiro ano estão 48,3%, no segundo ano 34,3% e no terceiro ano, 17,4%. Esta distribuição deve-se em grande parte a estrutura da pirâmide educacional. De fato, as salas de aula com alunos do terceiro ano visitadas tinham sempre um menor número de alunos, a considerar os anos anteriores.

A maioria dos sujeitos nasceu no município de Campina Grande (83,2%), 10,2% em outras cidades do interior, enquanto 6,6% em capitais. Houve a predominância de católicos (65,3%), seguida dos evangélicos (25,1%). A renda das famílias dos sujeitos distribuiu-se da seguinte maneira: 50,9% ganham até 1 salário mínimo (SM); 44,2% de 1 até 3 salários mínimos; 4,2% de 3 a 6 SM e 0,6% acima de 6 até 10 SM. A percentagem acumulada da renda familiar até 3 salários mínimos é de 95,2%. Vale salientar que 87,4% dos sujeitos não são economicamente ativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa, lançaremos mão primeiramente das análises do questionário - das questões objetivas e de uma das questões subjetivas (“Em sua opinião, o que caracteriza a velhice como uma das fases do desenvolvimento humano?”) – e, a seguir, do Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM). Como há congruência nas fontes de dados em relação aos achados, exemplificaremos a dimensão estrutural da representação social estudada (que se ilustra melhor nos gráficos do PCM) com os conteúdos representacionais provenientes do discurso dos sujeitos, provenientes sobretudo das gravações em áudio e das respostas do questionário.

Através da análise dos questionários identificamos qual entre três palavras (idoso, velho e terceira idade) os adolescentes mais utilizavam no seu cotidiano para se referir a indivíduos nessa faixa etária. A palavra idoso foi apontada como a mais freqüentemente utilizada (57,2%), em segundo lugar velho (36,7%) e por último, terceira idade (6%). No Brasil o termo velho resguardou por muito tempo uma conotação ambígua associada a um conteúdo afetivo (em um sentido positivo) ou pejorativo, a depender da conotação e contexto em que era utilizado. Somente aproximadamente a partir da década de 60 do século passado que o termo “velho” passou a ser associado a um conceito predominantemente negativo. Peixoto (2007) esclarece que, paulatinamente, os discursos oficiais e as instituições governamentais adotaram o termo

5 Ao falar com os sujeitos, preferimos denominar de “entrevista” a atividade do PCM. Deste modo, queríamos evitar a associação do PCM com os testes psicológicos.

idoso, como um termo mais respeitoso, e o termo velho passou a ser associado diretamente à conotação de decadência, sendo banido dos textos oficiais.

Por um lado, os sujeitos incorporaram em seu discurso cotidiano às formas sociais consideradas mais politicamente corretas para se referir à velhice. Por outro lado, os novos termos no cenário social não podem ser diretamente associados a um emprego com sentido positivo, tais codinomes podem ser encarados também como tendências a eufemização do processo do envelhecimento. Isso não é algo que tem seu palco apenas no cenário da vida social cotidiana. Prado e Sayde (2006) analisaram o caráter incipiente das pesquisas no âmbito da geriatria e da gerontologia e também a confusão conceitual na literatura brasileira sobre a velhice, existindo inclusive uma tendência velada à negação do seu próprio objeto. Isso pode ser observado nas nomenclaturas utilizadas e até neologismos: “idade madura”, “adulto maduro”, “adulto maior”, “terceira idade”, “sênior”, “felicidade”, “melhoridade”, “maioridade”.

Procuramos investigar qual a fase da vida com a qual havia maior identificação por parte dos alunos. A fase marcadamente escolhida foi a “adolescência” (84,9% dos entrevistados), seguida de adulto (8,4%), criança (4,8%) e idoso (1,8%). Tal fato pode ser interpretado como uma identificação própria do adolescente com sua faixa etária e a dificuldade em “enxergar-se” como idoso, ou seja, o iminente distanciamento diante dessa fase da vida. É interessante destacar que essa tendência ao distanciamento está perdendo o caráter loco-regional vinculado anteriormente sobretudo aos países ocidentais. Segundo Neri (2007) há evidências de que essa postura tornou-se quão ou tão presentes nas sociedades orientais. Tal fato pode ser justificado em parte pelo intenso processo de globalização.

Já quando se solicitou aos alunos que fosse escolhida uma idade-limite para considerar a transição adulto-idoso a média da idade encontrada é de 64,4 anos. É importante destacar que para 37% dos sujeitos a idade-limite é de 60 anos, para 8,5% deles é de 65 anos e para 20,6% é de 70 anos. Esses dados revelam uma tendência geral para se considerar a idade-limite para o início da velhice como sendo superior aos 60 anos definidos por lei, o que aponta diretamente para a percepção do envelhecimento bem sucedido na população. Tal dado está em consonância aos encontrados por Neri (2007) no qual, para jovens numa faixa etária semelhante ao da pesquisa aqui em discussão, evidenciou-se uma média de idade que marcaria o início da velhice como sendo de 66 anos e 3 meses.

Ao analisar os questionários, com relação ao: “convívio com idosos em sua casa”, verificamos que 65,5% não têm convivência com esses em suas casas e 34,5% têm convivência. Observamos anteriormente que a média de idade dos pais é de 45,3 anos e para as mães 41,6 anos, sendo o desvio padrão: 8,7 anos (pais) e 7 anos (mães). Isso nos ajuda a entender o fato de a maioria afirmar não conviver com os idosos em casa, uma vez que seus pais não são idosos. Por outro lado, procuramos analisar qual o grau de convivência com idosos, atentando-se para o fato de que esses sujeitos poderiam travar relações sociais com idosos no seu cotidiano ainda que não necessariamente em suas casas. De fato, 88,5% desses afirmam que tem um grau de envolvimento de próximo à muitíssimo próximo (porcentagem acumulada), sendo respectivamente os valores percentuais: muitíssimo próximo 21,8%, muito próximo 24,2%, próximo 40,7%, distante 9,7% e muito distante 1,7%.

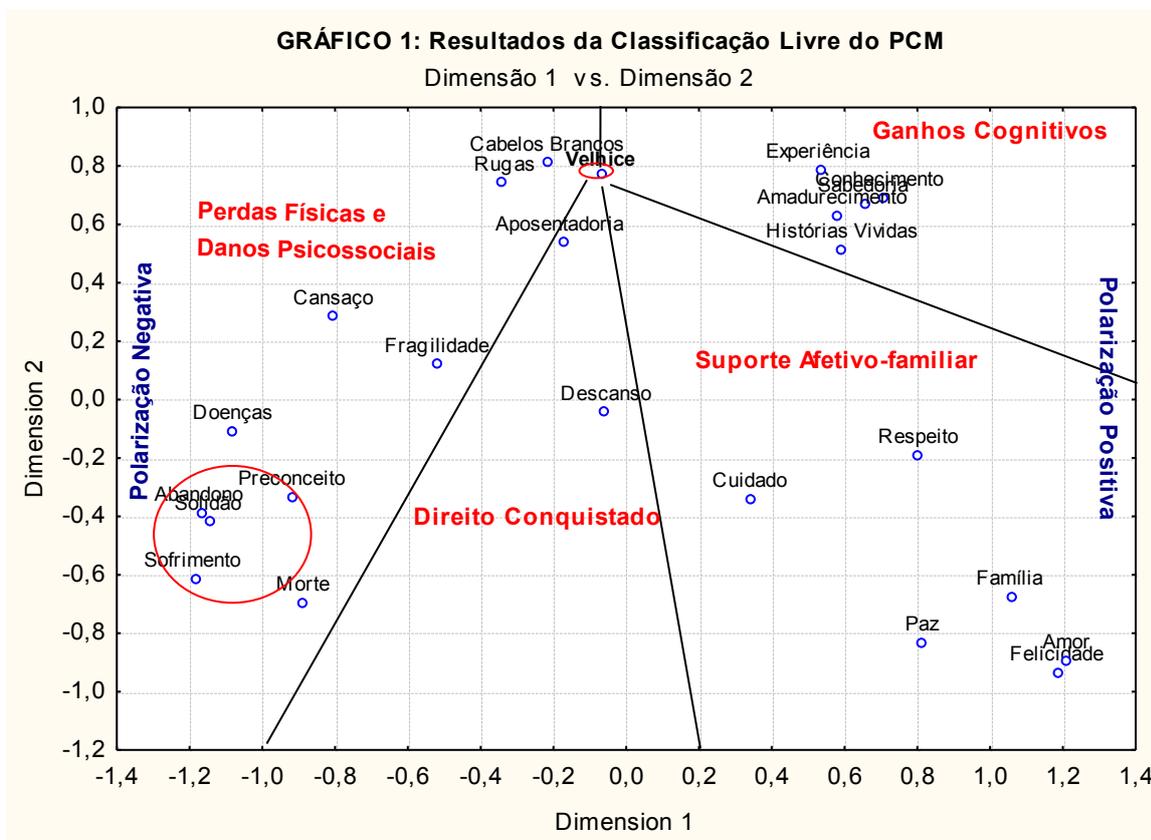
Quando perguntados a respeito do que caracteriza a velhice como fase do desenvolvimento humano, os sujeitos responderam uma série de aspectos ora positivos ora negativos. Devido a essa polarização, resolvemos analisar as expressões significativas do discurso dos sujeitos em categorias não mutuamente exclusivas, assim cada uma das categorias, a seguir, apresenta uma porcentagem que em tese pode variar de 0 a 100%.

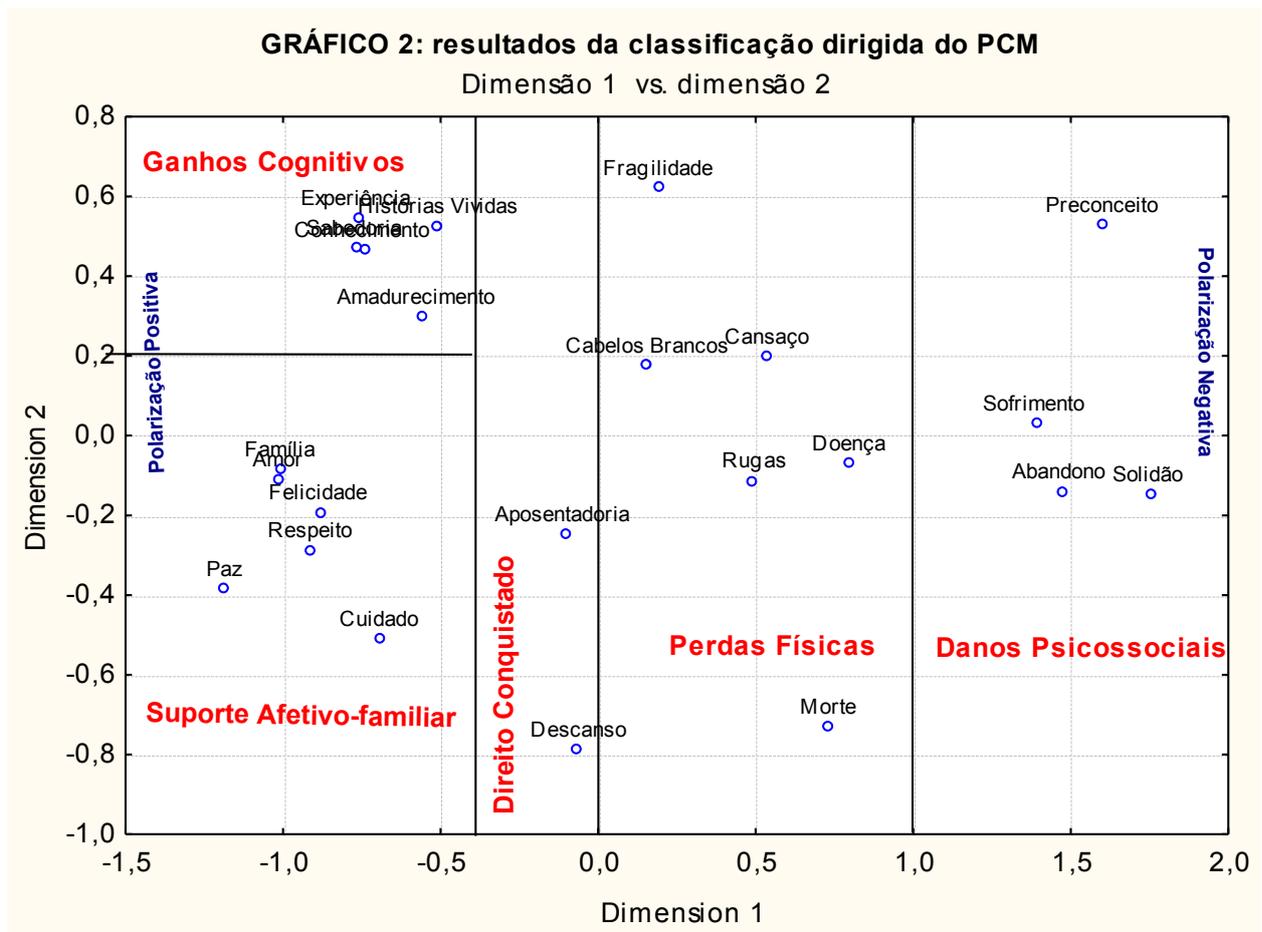
TABELA 2: Quantificação das expressões significativas dos sujeitos por categorias sobre o que caracteriza a velhice como fase do desenvolvimento

Categorias	Porcentagem
Ganhos Cognitivos	22,80%
Última Fase do Ciclo de Vida	15,60%
Mudanças Físicas	15,60%
Dependência	10,20%
Mudanças Afetivo-comportamentais	9,60%
Conquistas	6%
Doenças	6%
Idade Cronológica	4,80%
Não sabe	1,80%
Outras categorias acumuladas	6%

A categoria *ganhos cognitivos* envolve expressões vinculadas ao conhecimento, à sabedoria, à experiência de vida acumulada e é a que se apresenta com um maior número de sujeitos que focalizam ser essa a característica do desenvolvimento humano na velhice. Já a categoria *última fase do ciclo da vida* apresenta uma sub-categoria associada que é a culminância da morte, apresentado-se em segundo lugar. Juntamente com a categoria *conquistas* essas são as que melhor sublinham o caráter positivo do envelhecimento. Já as categorias *mudanças físicas*, *mudanças afetivo-comportamentais*, *doenças e dependência* acentuam os aspectos negativos do fenômeno. Uma outra categoria que emergiu do discurso dos sujeitos foi *idade cronológica*, no sentido estritamente cronológico do desenvolvimento na velhice. Veremos adiante alguns exemplos dos discursos escritos dos sujeitos, na discussão dos resultados do PCM.

Os resultados do Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM) também sinalizam para uma polarização entre aspectos positivos e negativos do desenvolvimento humano na velhice. Na classificação livre e na dirigida, é possível localizar pontos de convergência que representam as facetas dessa representação social, como se esboça nos gráficos abaixo.





As facetas ocupam lugares diferentes em cada um dos gráficos, devido às técnicas utilizadas. Mesmo assim, podemos verificar as convergências de pontos que formam as mesmas facetas nos dois gráficos. Focando-se na leitura das variáveis do gráfico (itens do PCM) envolvidas nesses perfis de agrupamentos, tendo em vista a localização de pontos em regiões do espaço e a análise teórica norteadora da pesquisa puderam-se definir as facetas composta por conjuntos articulados. As facetas delineadas foram: *ganhos cognitivos*, *perdas físicas*, *suporte afetivo-familiar*, *direitos conquistados* e *danos psicossociais*. Vale salientar que essas facetas devem ser suficientemente abrangentes para compor todos os elementos por ela englobados ao passo que não devem fugir ao aspecto temático proposto em relação às outras facetas criadas.

A análise das facetas na classificação dirigida sempre é feita baseando-se no pressuposto da existência de uma diferença quantitativa entre elas. Estatisticamente, a importância do arranjo em facetas relaciona-se a estruturação dos elementos que as compõe, distribuídos num espaço multidimensional, como se apresentam. Enquanto a classificação livre não pressupõe uma diferença de mais para menos nos arranjos de itens, a classificação dirigida sim. Verifica-se na classificação dirigida (gráfico 2) uma faceta ordenada, tendo os elementos mais a esquerda uma importância maior atribuída, o que depende-se através da média de cada item. Nas classificações dirigidas, em uma escala de 1 a 5 (sendo 1 não associado e 5 muitíssimo associado), pode-se verificar a importância atribuída no julgamento dos sujeitos a cada um dos elementos dos itens do PCM. O quadro abaixo apresenta as médias de cada um dos itens do PCM da classificação dirigida.

QUADRO 1: Médias e desvio padrão dos itens do PCM classificação dirigida

Variable	Valid N	Mean	Minimum	Maximum	Std.Dev.
Solidão	75	2,640000	1,000000	5,000000	1,321751
Preconceito	75	3,040000	1,000000	5,000000	1,537284
Histórias Vividas	75	4,440000	1,000000	5,000000	0,809404
Cansaço	75	3,533333	1,000000	5,000000	1,200600
Família	75	3,946667	1,000000	5,000000	1,218033
Ruga	75	3,346667	1,000000	5,000000	1,224671
Morte	75	3,346667	1,000000	5,000000	1,511160
Aposentadoria	75	3,680000	1,000000	5,000000	1,152670
Respeito	75	3,920000	1,000000	5,000000	1,205393
Doença	75	3,306667	1,000000	5,000000	1,196542
Abandono	75	2,946667	1,000000	5,000000	1,384210
Fragilidade	75	3,613333	1,000000	5,000000	1,293365
Cab. Brancos	75	3,773333	1,000000	5,000000	1,145772
Sabedoria	75	4,146667	1,000000	5,000000	1,135345
Conhecimento	75	4,053333	1,000000	5,000000	1,161236
Felicidade	75	3,693333	1,000000	5,000000	1,162166
Amadurecimento	75	4,186667	1,000000	5,000000	0,995847
Sofrimento	75	3,000000	1,000000	5,000000	1,355669
Experiência	75	4,360000	1,000000	5,000000	1,048035
Descanso	75	3,333333	1,000000	5,000000	1,266335
Paz	75	3,760000	1,000000	5,000000	1,393421
Cuidado	75	3,813333	1,000000	5,000000	1,301697
Amor	75	4,066667	1,000000	5,000000	1,119041

As médias das médias dos itens das facetas foram respectivamente: *ganhos cognitivos* (4,23), *suporte afetivo-familiar* (3,86), *direitos conquistados* (3,50), *perdas físicas* (3,48) e *danos psicossociais* (2,9). Evidencia-se, assim, uma maior valorização dos elementos (itens do PCM) mais positivos que os negativos nessa representação social, sobretudo aqueles relacionados aos aspectos cognitivos, sendo tal resultado encarado com um dos “ganhos” conquistados com o ato de envelhecer. Palavras como *Experiência*, *Conhecimento* e *Sabedoria*, compunham o grupo de “ganhos cognitivos” e foram classificadas como muito ou muitíssimo associadas, corroborando com a crença de que o idoso desenvolve, com a idade, a sabedoria, novas estratégias e um raciocínio mais ponderado (PARENTE et al. 2006).

Baseado no raciocínio de ganhos durante o envelhecimento, Dixon (1999) realizou um levantamento de teorias e questões temático-similes. Para ele, todas as teorias sobre ganhos consideram também as perdas, contudo mantêm-se um “otimismo consciente” que visa a necessidade de equilíbrio entre perdas e ganhos. Tal equilíbrio entre perdas e ganhos foi evidenciado em muitos dos argumentos captados durante a realização do PCM, como por exemplo:

Aqui é: pessoas vividas, acontece muita coisa, tipo preconceito, sabedoria, paz, mas tudo isso é para adquirir experiências e amadurecimento... (APAA, feminino Fonte de dados: gravação em áudio do PCM).

Amadurecimento, experiência e sabedoria, são as pessoas um pouco mais, nem tão velhas, mas que já passou por experiências oriundas da... que já passaram por seu sofrimento nas suas vidas que já aconteceu. (FAA, masculino. Fonte de dados: gravação em áudio do PCM)

Houve também discursos que reforçam o ideário da “Sabedoria”, ideário esse confirmado também por outras pesquisas que focalizam as crenças sobre o envelhecimento e definições de senso comum (NERI, 2005; PARENTE, 2006). Nessa perspectiva, a sabedoria aumenta com o envelhecimento, uma melhora considerada como independente do declínio ou manutenção das demais funções cognitivas, como pode ser

evidenciado nos discursos a seguir que evidenciam a sabedoria como condição intrínseca e indissociável do processo do envelhecimento:

[...] na velhice nós temos sabedoria, devemos ter respeito, conhecimentos..."
(THS, feminino, Fonte de dados: gravação em áudio do PCM)

[...]Jeu escolhi experiências, conhecimento e sabedoria porque é através de nossas histórias vividas que nós adquirimos todas essas qualidades."
(VRS, feminino, Fonte de dados: gravação em áudio do PCM).

Para as outras facetas positivas, o *suporte afetivo-familiar* (SAF) e os *direitos conquistados* (DC), também evidenciou-se nos questionários. Por exemplo, para o *suporte afetivo-familiar* o idoso é visto como elo de união e felicidade, um marco de estabilidade e bem estar familiar. "[...]coisas assim, que tem que ter: amor, cuidados da família, respeito acima de tudo, e com isso tudo traz-se a felicidade e a paz interior." (BVAA, feminino). Já em relação a faceta *direitos conquistados* vê-se que o ato de envelhecer por si só deve ser gratificado com independência em escolher como administrar seu tempo (por exemplo, "descansar") ou então ser recompensado com benefícios financeiros, como a aposentadoria: "Essa pessoa ela descansa porque ela recebe a aposentadoria, fica em casa, curtindo o bem-bom[...]" (NBM, feminino).

Apesar das evidências do presente artigo envolvendo o reconhecimento de facetas positivas que cercam o processo de envelhecimento na ótica desses adolescentes, alguns ainda mantiveram posturas negativistas, preconceituosas e desdenhosas acerca dessa fase da vida. Tal fato pode ser evidenciado pelos seguintes discursos:

Sofrimento, abandono, agente sofre. solidão, que é quase a mesma coisa de abandono, agente fica só ai é horrível, agente sofre. Morte, com certeza é um sofrimento. Preconceito, cansaço e doença, cansaço é ruim, agente ficar doente também é ruim e preconceito é horrível [...] (RPMN, feminino. Fonte de dados: gravação em áudio do PCM)

[...] vive no abandono e na solidão, por ter perdido alguém por causa da briga, as doenças e o sofrimento, por conta de não saber se cuidar ai vai leva no desleixo e a partir dai vem o sofrimento, né? (ERC, masculino Fonte de dados: gravação em áudio do PCM).

Também evidenciamos que alguns adolescentes ainda possuem idéias controversas sobre o que seja "envelhecer", revelando em seus discursos ora aspectos positivos sobre o processo e ora aspectos negativos, por exemplo: "Aqui é uma pessoa velha, com cabelos brancos, que precisa de muito cuidado e respeito, apesar de estar cansada e enrugada. Com o amadurecimento dela ela ganha muito conhecimento e experiência,mas sofre algum preconceito, até mesmo abandono,tendo alguma fragilidade." (DGR, masculino).

Apesar de toda essa controvérsia, esteve claro que havia uma maior valorização dos elementos positivos em detrimento dos negativos nessa representação social. Dessa maneira, nosso trabalho demonstra que os adolescentes estão, ao que parece, em um processo de ressignificação do envelhecimento humano em uma perspectiva mais positiva. Isso não quer dizer que as ressignificações em torno desse objeto ocorram de modo linear, uma vez que as representações sociais são por sua própria natureza complexas e até mesmo contraditórias (MOSCOVICI, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados vão ao encontro da Gerontologia Social que tem proposto alguns modelos teóricos multidimensionais que analisam a relação entre perdas e ganhos, durante a última fase da vida. Esses modelos colocam que apesar do envelhecimento continuar sendo representado no geral na base de perdas, as pessoas idosas têm muitas capacidades de reserva que ficam sem ser exploradas, quer dizer, ganhos que passam despercebidos e, em consequência, não são valorizados.

As Representações Sociais são produzidas pelas interações e comunicações no interior dos grupos sociais, refletindo a situação dos indivíduos no que diz respeito aos assuntos que são objeto do cotidiano. A dimensão da polarização positiva na representação social estudada pode ser o fruto de várias conquistas sociais paulatinas que começam agora a repercutir nas representações sociais associadas ao envelhecimento, de tal modo que é possível os adolescentes afirmarem: "Podemos dizer que a velhice é uma vitória, porque para chegar até ela só sendo um vencedor."; "Como pessoas sábias que ajudaram a construir história e contribuíram para a educação de várias pessoas, como eu e você, por isso merecem respeito e compreensão". Não obstante no lado oposto dessa polarização é possível ainda termos posições

altamente preconceituosas, que, de fato, fazem parte de um caldeirão cultural que ainda atribui mais valor à estética, aos valores, ao vigor, ao estilo de vida, enfim, dos jovens. É necessário ainda trabalhar na contramão desta maré.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica, a primeira autora.

Aos professores e diretores escolares por permitirem o contato e a autorização para realizar a pesquisa.

Aos sujeitos que se disponibilizaram para participar da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. (Orgs.). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998.

ALMEIDA, A. M. de O.; CUNHA, G. G. Representações sociais do desenvolvimento humano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, n.1, p.147-155. 2003.

ARAÚJO, L. F. de, COUTINHO, M. da P. de L. and SANTOS, M. de F. de S. O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia e Sociedade**, v.18, n.2, p.89-98, Ago 2006.

BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BUSCHINI, F. A Análise das Facetas: uma técnica para reunificar a estrutura e o conteúdo no estudo das representações sociais. IN: MOREIRA, A. S. P. **Perspectivas Teórico-metodológicas em Representações Sociais**. João Pessoa: UFPB, 2005. p. 159-188.

CUNHA, A. C. H.; EULÁLIO, M. do C.; BRITO, S. M. de. O. O corpo e suas representações construídas por mulheres idosas. In: FERNANDES, A.; CARVALHO, M. do R.; DOMINGOS SOBRINHO, M. **Representações Sociais e Saúde: construindo novos diálogos**. Campina Grande: EDUEPB, 2004.

COLE, M.; COLE, R. **O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos de categorias de idade. In: MORAES, M.; BARROS, L. de. (Orgs.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização e envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2004.

FONTAINE, R. **Psicologia do Envelhecimento**. Lisboa: Climepsi, 2000.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005. (Série Pesquisa).

MAIA, G. F. da; LONDERO, S.; HENZ, A. de O. **Velhice, instituição e subjetividade**. *Interface (Botucatu)*, vol.12, n. 24, p.49-59. Mar. 2008.

GUSMÃO, N. M. M. de. (Org.). **Infância e velhice: pesquisa de idéias**. Campinas: Alínea, 2003.

GUSMÃO, N. M. M. de.; VON SIMSON, O. R. de M. **Velhice e Diferenças: na vida contemporânea**. Campinas: Alínea, 2006.

LOPES, A. Apresentação: Velhice, heterogeneidade e a dança dos esquisitos. In: GUSMÃO, N. M. de.; VON SIMOM, O. R. de M. (Orgs.). **Velhice e Diferenças na Vida Contemporânea**. Campinas: Alínea, 2006. (p. 7-18).

JODELET, D. (Org.) **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

- MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NERI, A. L. Atitudes e Preconceitos em Relação à Velhice. In: NERI, A. L. (Org.) **Idosos no Brasil**: vivências, desafios, e expectativas na terceira idade. São Paulo: Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.
- NERI, A. L. O que a Psicologia tem a oferecer ao estudo e a intervenção no campo do envelhecimento no Brasil, hoje. In: NERI, A. L.; YASUDA, M. S. (Org.) **Velhice bem sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- NERI, A. L.; YASUDA, M. S. (Org.) **Velhice bem sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- PALÁCIOS, J. Introdução a Psicologia evolutiva: história, conceitos básicos e metodologia. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. (v. 1).
- PARENTE, M. A. de M. P. et al. **Cognição e Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PARENTE, M. A. de M. P.; WAGNER, G. P. Teorias Abrangentes sobre o Desenvolvimento Cognitivo. IN: PARENTE, M. A. de M. P. et al. **Cognição e Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006. (p. 31-46).
- PAPALIA, D. E.; OLDS, D. E. **Desenvolvimento Humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PEIXOTO, C. Entre o estigma, a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. .In: MORAES, M.; BARROS, L. de. (Orgs.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- PEREIRA, F. J. C. Análise de dados qualitativos aplicados às representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. **Perspectivas Teórico-metodológicas em Representações Sociais**. João Pessoa: UFPB, 2004.
- REIS, P. O.; CEOLIM, M. F. O significado atribuído a 'ser idoso' por trabalhadores de instituições de longa permanência. **Revista Esc. Enfermagem da USP**. São Paulo, v.41, n.1, p.57-64. Mar. 2007
- ROAZZI, A. ; MONTEIRO, A. A representação social da mobilidade profissional em função de diferentes contextos urbanos e suas implicações para a evasão escolar. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 47. p. 41-73, abr./jun. 1995.
- ROAZZI, A. Categorização, formação de conceitos e processos de construção do mundo: procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos multidimensionais. **Cadernos de Psicologia**, [s. l.], n. 1. p. 1-27, 1995.
- ROAZZI, A.; FEDERICCI, F. CARVALHO, M. R. F. A Facet aproch to the study of social representation of fear in adults. In: SCHWEIZER, R. M. et al. **Facet Theory**: design and analyses. Bern: FTA/Institut für Soziologie Bern, 1999. p. 227-256.
- SÁ, C. P. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SANTOS, S. M. A. dos. Infância e velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: GUSMÃO, N. M. de. (Org.). **Infância e Velhice**: pesquisa de idéias. Campinas: Alínia, 2003.
- SOUZA, F. M. C. de.; SOUZA, B. C. de.; SILVA, A. S. da. **Elementos da Pesquisa Científica em Medicina**: estatística e metodologia científica para profissionais de Saúde. Recife: UFPE, 2002.
- STUCCHI, D. O curso de vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. .In: MORAES, M.; BARROS, L. de. (Orgs.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- VELOZ, M. C. T.;NASCIMENTO-SCHULZE, C. M. and CAMARGO, B. V. **Representações sociais do envelhecimento**. *Psicologia Reflexão e Crítica*., Porto Alegre, v.12, n.2, p.479-501. 1999.

VON SIMSON, O. R. de M.; NERI, A. L.; CACHIONE, M. **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2006.

WAGNER, W. Sócio-gênese e Características das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. (Orgs.) **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998.

WITTER, G. P. Tarefas de desenvolvimento do adulto idoso. *Estudos de Psicologia Campinas*, v.23, n.1, p.13-18, Mar. 2006